



### III Domingo da Quaresma (Ano C)

#### O texto – Lc 13,1-9

- <sup>1</sup> Naquele tempo, apresentaram-se alguns a falar-lhe dos *galileus*, cujo sangue Pilatos misturou com o dos seus sacrifícios.
- <sup>2</sup> Respondendo, disse-lhes:  
«Julgais que esses *galileus* eram mais *PECADORES*  
que *todos os outros galileus*,  
por terem sofrido estas coisas?
- <sup>3</sup> NÃO, Eu vo-lo digo;  
mas, se não vos **CONVERTERDES**,  
**PERECEREIS** todos igualmente.
- <sup>4</sup> E aqueles *dezoito*  
sobre os quais caiu a torre de Siloé, matando-os,  
Julgais que eram mais *DEVEDORES*  
que *todos os outros habitantes* de Jerusalém?
- <sup>5</sup> NÃO, Eu vo-lo digo;  
mas, se não vos **CONVERTERDES**,  
**PERECEREIS** todos da mesma forma».
- <sup>6</sup> Disse-lhes, também, a seguinte parábola:  
«Um homem tinha uma figueira **PLANTADA** na sua vinha  
e foi lá procurar **FRUTOS**,  
mas não os *ENCONTROU*.
- <sup>7</sup> Disse ao encarregado da vinha: ‘Há **três anos**  
que venho procurar **FRUTO** nesta figueira  
e não o *ENCONTRO*.  
**CORTA-A**;  
para que está ela a ocupar a terra?’
- <sup>8</sup> Mas ele respondeu, dizendo:  
‘Senhor, **DEIXA-A** mais **este ano**,  
para que eu possa cavar em volta dela e deitar-lhe adubo.
- <sup>9</sup> Talvez dê **FRUTO** **no futuro**;  
senão, tu a **CORTARÁS**».

#### Breve comentário

O texto deste domingo apresenta-nos factos que, apesar de não serem mencionados pelas crónicas da época, serão sem dúvida históricos, que servem de introdução a uma parábola.

Uma análise do texto mostra-nos bem o pensamento geral de Jesus: a convicção de que todos são pecadores e têm necessidade de conversão; a eminência do juízo para quem não acolhe a sua mensagem; a recusa em ver nas doenças ou incidentes uma punição divina para pecados pessoais; o descobrir o dedo de Deus por detrás dos acontecimentos, da natureza e da própria actividade.

O primeiro facto deve ter-se dado por alturas da Páscoa, quando também os leigos podiam participar nos sacrifícios do Templo, durante a qual vinham multidões de todos os lados para a celebração anual, aproveitando para ir ao Templo apresentar as suas ofertas no altar.

Vêm alguns contar a Jesus um incidente grave que se tinha passado. Era uma altura propícia para os diversos grupos revolucionários, opostos a Roma, cometerem assassínios «políticos». Muitos destes grupos provinham da Galileia, pelo que o nome «galileu» se tinha tornado sinónimo de revolucionário.

O governador Pilatos, representante de Roma, era um homem conhecido pela sua crueldade. Talvez tenha havido da parte do grupo de galileus atitudes provocatórias em relação aos guardas que foram reprimidas de forma violenta ou Pilatos deve ter aproveitado a presença de 18 galileus no Templo para os matar, no momento em que estavam a sacrificar os animais e a oferecê-los no altar.

Talvez tenham contado isto a Jesus pelo facto de ele também ser galileu. Não sabemos com que intenção: se para provocar nele uma reacção hostil em relação a Pilatos ou para o poderem denunciar às autoridades. Seja como for, Jesus não toma posição perante o acto sacrílego de entrarem soldados estrangeiros no Templo para actos violentos, mas aproveita para dar uma lição. A morte daqueles galileus não é uma punição divina por pecados pessoais, mas pode servir de chamada de atenção para os presentes: é fundamental perceber a importância decisiva do tempo actual e converter-se.

O segundo facto, apresentado de forma paralela ao primeiro, reforça a lição do primeiro. A desgraça bem conhecida de todos que atingiu 18 pessoas não deve ser olhada como um castigo de Deus para os que foram atingidos. Todo o homem é pecador e tem necessidade de conversão, não apenas para melhorar o seu comportamento mas pela radicalidade do Reino de Deus que está próximo.

A parábola é uma ilustração do ensinamento que acaba de ser dado. A figueira muitas vezes é usada pelos profetas como símbolo de Israel: Os 9,10; Jr 8,13; 24,1-10; Mq 7,1. Uma figueira sem frutos, ano após ano, não serve para nada e só está a sugar o terreno com as suas raízes que se estendem por todo o lado.

Por detrás da reacção do dono da vinha está a pregação severa de João Baptista: «O machado já se encontra à raiz das árvores; por isso, toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo» (Lc 3,9). Mas Jesus apresenta o modo de agir de Deus que se identifica com a posição do encarregado da vinha: «talvez dê fruto no futuro...».

Israel está longe de Deus. Mas Deus, na sua misericórdia e «paciência», oferece-lhe, no ministério de Jesus, a reconciliação: é o tempo decisivo antes da vinda final do Reino, o ano da graça (cf. Lc 4,19), para acolher o anúncio de Jesus e deixar-se mover por esta graça.

P. Franclim Pacheco  
Diocese de Aveiro